

# Escala de ofensividade: quão ofensiva essa expressão é?

**Marina Chiara Legroski**

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil

marinalegroski@gmail.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-1117-2786>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i1.1958>

## Resumo

Com o objetivo de determinar se a ofensividade era um traço necessário para caracterizar se determinada expressão é considerada palavrão pelos falantes, este trabalho apresenta um experimento piloto desenhado para este fim. Com base na análise estatística dos dados, demonstramos que estes dois conceitos (“ofensividade” e “palavrão”) não estão correlacionados. Em seguida, pautamos as nossas considerações sobre “ofensividade” dentro de trabalhos sobre polidez linguística e sociolinguística, especificamente no que diz respeito aos contextos sociais e à influência do papel social de gênero sobre determinados usos linguísticos.

**Palavras-chave:** pragmática; palavrões; papéis de gênero.

## Offensiveness scale: how offensive is this expression?

### Abstract

In order to determine if offensiveness was a necessary trait to characterize certain expression as a swear word by the speakers, this paper presents a pilot experiment designed for this purpose. Based on the statistical analysis of the data, we show that these two concepts ("offensiveness" and "swear word") are not correlated. Next, we focus our considerations on "offensiveness" in works about the linguistic and sociolinguistic politeness, specifically regarding the social contexts and the influence of the gender role on certain linguistic uses.

**Keywords:** pragmatics; swear words; gender roles.

## Introdução

Muitas são as formas de abordar um mesmo fenômeno linguístico, principalmente aqueles que instigam até o senso comum a elucubrar hipóteses. Com tantos questionamentos pós-modernos na ciência, nos sentimos, como pesquisadores, muitas vezes, angustiados por conseguirmos ver a quantidade de aspectos diversos de um fenômeno que não conseguiremos compreender ou abordar integralmente. Neste trabalho, abordaremos apenas um pequeno aspecto pragmático do uso dos palavrões, sabendo que estamos deixando de lado – ou para trabalhos posteriores – grande parte deles.

Nossa pesquisa partiu de um experimento piloto, realizado em 2016 (que será melhor descrito a seguir), que procurava justamente focalizar duas questões principais: “o que é um palavrão?” e “o que é ofensivo?” Sabemos que estes dois conceitos não são intercambiáveis, mas, ao mesmo tempo, eles se relacionam: é comum que se relacione “palavrão” à linguagem ofensiva, ainda que grande parte de nós use palavrões sem a intenção de ofender, ou que ofenda sem recorrer a um recurso linguístico específico.

O experimento não objetivava encontrar uma definição, mas fazer emergir, estatisticamente, palavras consideradas ofensivas e/ou consideradas palavrões independente de contexto interacional fornecido.<sup>1</sup> Parece haver um conhecimento compartilhado a esse respeito, o que nos instiga a deixar de lado teorias interacionais, que sugerem que ofensividade está relacionada apenas a atitudes proposicionais, e partir para investigações teóricas que deem conta deste como um fenômeno mais generalizado do uso linguístico, atrelado ao significado lexical destes itens.

Segundo Jay e Janschewitz (2008, p. 268),

[...] descrevemos fatores que influenciam a probabilidade e a ofensividade de praguejar, assim como a relação entre palavrões e a pesquisa em polidez. Nós acreditamos que falar palavrões não é necessariamente impolido, na medida em que a linguagem ofensiva é comumente usada dentro dos limites do que é considerado situacionalmente apropriado no discurso; além disso, em algumas instâncias, falar palavrão não é nem polido nem impolido.<sup>2 3</sup>

E, além disso, que “As pessoas aprendem a julgar quando, onde e com quem é apropriado falar palavrões, ou quando fazê-lo poderia ser ofensivo. Julgamentos de ofensividade provêm as bases para determinar a dimensão em qual cada fala é rude ou não polida.” (JAY; JANSCHWITZ, 2008, p. 268).

Estamos de acordo com a visão de que nem sempre falar palavrões é considerado rude ou impolido. Mesmo em termos da Teoria da Polidez (BROWN; YULE, 1987), entendemos que este pode ser um ato considerado de polidez positiva em relação à face positiva do interlocutor (no sentido de tentar incluí-lo na atividade ou buscar a sua concordância). Ora, se nem sempre palavrões são considerados impolidos, provavelmente também nem sempre são indicadores de uma atitude ofensiva. Porém, se não a ofensividade, ainda resta descobrir o que faz do palavrão um tipo especial de palavra. Este assunto, porém, deixaremos para outro trabalho. Neste, vamos nos debruçar sobre a ofensividade.

## 2. Descrevendo o experimento

Por meio de um formulário criado com ferramentas do Google, perguntamos aos participantes (que conseguimos divulgando o experimento em redes sociais) dados básicos de identificação de estrato social (sexo, faixa etária e nível de escolaridade) e testamos sua intuição em relação a se determinado item lexical era ou não palavrão e se era ou não ofensivo e, num segundo momento, quão ofensivo era determinado termo.

---

<sup>1</sup> Por conta da extensão deste trabalho, não desenvolveremos este aspecto; porém, salientamos que o objetivo deste experimento piloto era coletar dados para um segundo experimento envolvendo contexto, a partir das respostas estatisticamente mais salientes consideradas como +palavrão, +ofensivo, -palavrão e -ofensivo.

<sup>2</sup> Todas as traduções utilizadas neste artigo são nossas. As citações originais não estão presentes por conta da extensão permitida para o texto.

<sup>3</sup> A palavra “swearing” pode ser traduzida como “falar palavrão” ou como “praguejar”, “maldizer”. Para fins deste trabalho, estamos usando sinônimos na tradução, mas considerando apenas o aspecto de falar palavras que são socialmente entendidas como sendo palavrões.

Para a primeira etapa, então, havia quatro possibilidades de resposta, cruzando as variáveis, como demonstrado na Figura 1, abaixo.

Neste primeiro momento, os participantes deveriam analisar as seguintes expressões: “viado”<sup>4</sup>, “vaca”, “pau”, “puta”, “cacete”, “filho da puta”, “corno”, “vagabundo”, “demônio”, “merda”, “vadio”, “porra”, “cu”, “buceta”, “foda”, “brocha”, “vai tomar no cu!”, “vai se foder”, “vai à merda”, de acordo com a Figura 1, abaixo.<sup>5</sup>

## É palavrão?

Pedimos que você marque, nessa seção, quais dessas expressões são "palavrões" na sua opinião.

### Viado

- Não é ofensivo mas é palavrão.
- É palavrão e é ofensivo.
- Não é palavrão mas é ofensivo.
- Não é ofensivo e não é palavrão.

**Figura 1. Modelo de pergunta: “É palavrão?”**

Na segunda etapa, o participante precisaria decidir quão ofensiva considerava a expressão, posicionando sua avaliação em uma escala que ia do 1 (para nada ofensivo) ao 5 (para muito ofensivo), conforme a Figura 2, abaixo. Aqui, deveriam ser avaliadas as expressões: “caralho”, “porra”, “puta que pariu”, “filho da puta”, “merda”, “puta merda”, “cacete”, “buceta”, “corno”, “pau”, “vadia”, “vagabundo”, e as expressões imperativas “vai tomar no cu”, “vai se foder”, “vai à merda”.

## Quão ofensivo?

Nesta seção, pedimos que você marque, numa escala de 1 a 5, o grau de ofensividade dessas expressões. Considere 1 para "nada ofensivo", 3 para "neutro" e 5 para "muito ofensivo".

### Caralho

	1	2	3	4	5	
Nada ofensivo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito ofensivo.

**Figura 2. Modelo de pergunta: “Quão ofensivo?”**

Apesar da curta divulgação em redes sociais e em um *site* de divulgação científica, o experimento retornou em cerca de 1810 respostas.<sup>6</sup> Destes participantes, 63% eram mulheres, 54% estão na faixa etária entre 18 e 30 anos e 95,7% tinha pelo menos o ensino fundamental completo e 22,6% tinha pós-graduação.<sup>7</sup> Por conta da

<sup>4</sup> Utilizado com a grafia não dicionarizada para deixar claro, aos participantes, que se tratava da expressão de uso informal e não o nome de um animal.

<sup>5</sup> Cabe salientar que “palavrão” não coincide necessariamente com a definição morfológica de palavra, razão pela qual, neste experimento, não problematizamos esta definição.

<sup>6</sup> Cada pergunta registra um número diferente de respostas porque estas eram dadas de forma independente e não obrigatória.

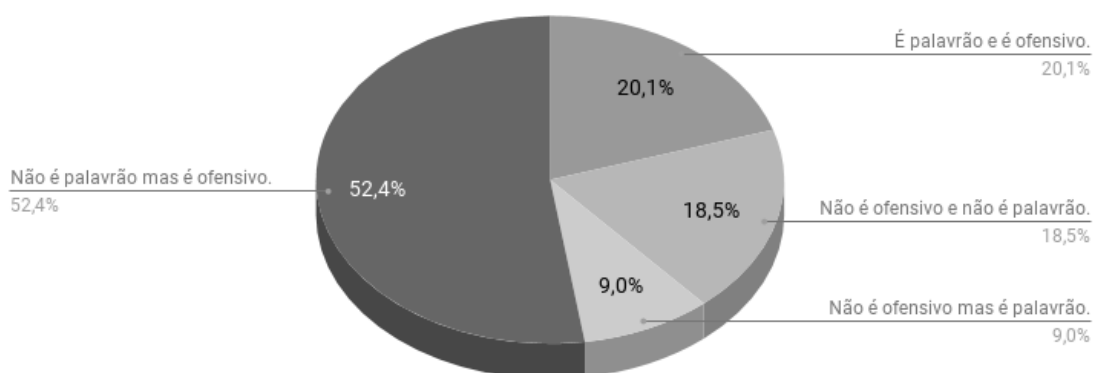
<sup>7</sup> O que se deve, fundamentalmente, ao fato de esta pesquisa depender de um grande grau de letramento para ser respondida, tendo em vista seus meios de divulgação e de qualidade da participação.

extensão deste trabalho, vamos focalizar, aqui, apenas as respostas relacionadas ao modelo de pergunta apresentado na Figura 2, sem determinar as faixas socioeconômicas dos participantes.<sup>8</sup>

Apenas para mostrar o tipo de dado de que estamos diante, apresentamos aqui os gráficos automaticamente gerados pelo Google para as palavras “viado” e “vaca”, respectivamente.

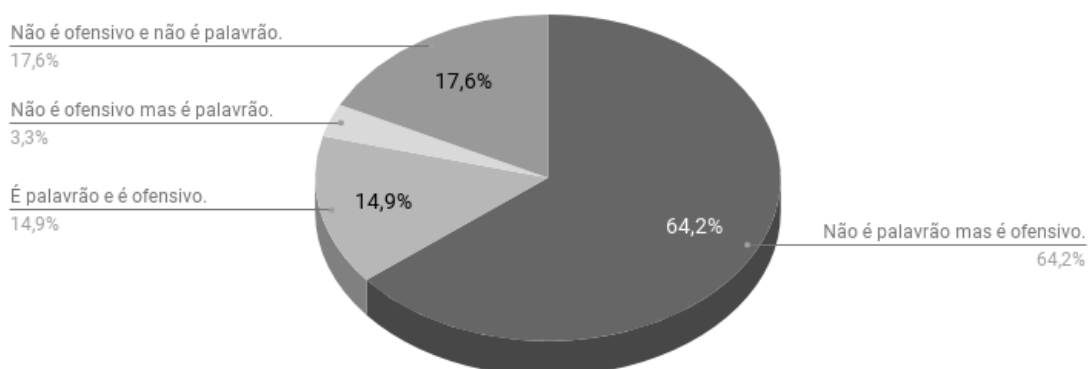
**Gráfico 1. Porcentagens de respostas em relação à palavra “viado”**

Viado



**Gráfico 2. Porcentagens de respostas em relação à palavra “vaca”**

Vaca



<sup>8</sup> O trabalho com os dados referentes à primeira parte da pesquisa está no prelo. As análises não consideram as camadas por conta da extensão deste trabalho.

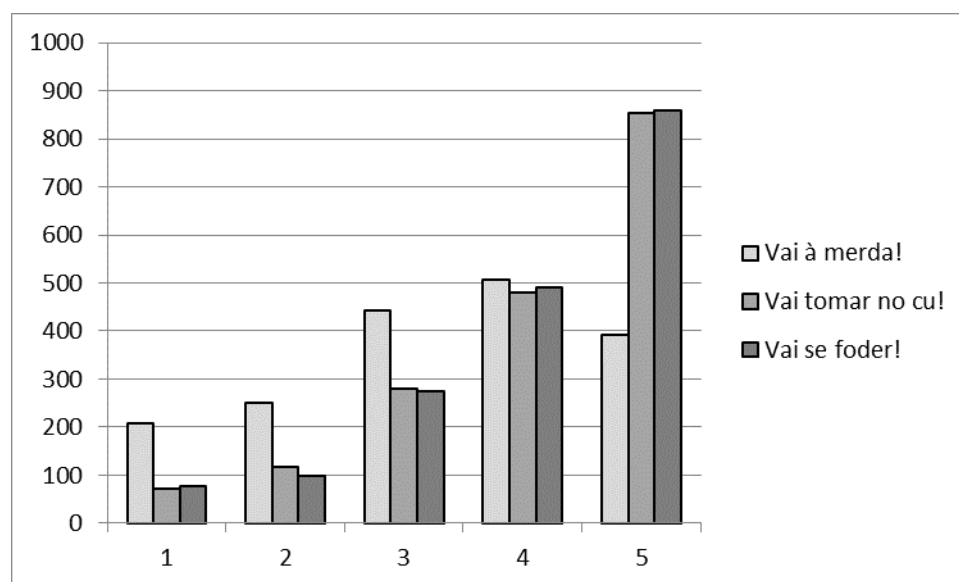
Podemos ler gráficos juntando as informações sobre as “fatias” que representam “é ofensivo” (na fatia mais escura e na segunda mais clara) e “é palavrão” (fatias mais claras). As fatias complementares, evidentemente, representam as respostas complementares. Somando, portanto, estas informações, temos que 24% dos participantes consideram “viado” palavrão, enquanto 74,3% consideram ofensivo.<sup>9</sup> Para a palavra “vaca”, 16,5% consideram que seja palavrão, mas 78,6% consideram ofensivo. Temos dados que seguem, portanto, a hipótese de que o julgamento de ofensividade não está correlacionado ao julgamento sobre se o termo é ou não “palavrão”, ainda que na definição intuitiva do falante. A ofensividade, então, deve emergir por outros fatores, como discutiremos no item a seguir.

### 3. Análise dos dados

Porém, o foco deste trabalho é analisar o nível de ofensividade atribuído a cada uma das expressões pelos participantes. Num primeiro momento, observando apenas os totais das respostas (sem segregação através dos fatores socioeducacionais)<sup>10</sup>, podemos notar alguns padrões de resposta interessantes, ligados a certas peculiaridades linguísticas de cada um dos termos analisados.

Expressões que continham verbos no imperativo foram largamente quantificadas como muito ofensivas, como ilustra o gráfico abaixo.

**Gráfico 3. Concentração da avaliação de ofensividade das expressões com verbos no imperativo**



<sup>9</sup> Sobre os 18% que não consideram a palavra nem palavrão, nem ofensiva, acreditamos que possa estar relacionado a um público que ostensivamente vem militando pela resignificação de determinadas palavras, como forma de empoderamento das minorias, principalmente tentando redimensionar a ofensividade a elas atribuída.

<sup>10</sup> Adiante, faremos uma análise separando os gêneros. Não temos ainda análise separando níveis educacionais ou os outros fatores socioeducacionais; mas para fins deste trabalho, consideramos que esta análise é suficiente.

Parece evidente que expressões com verbos no imperativo soariam mais rudes do que as demais, principalmente tomando por base, novamente, o que diz a Teoria da Polidez, por serem estes atos diretos de ameaça à face negativa do interlocutor sem qualquer amenização da ameaça à face. Nas palavras dos autores, tratar-se-ia de uma estratégia “*bald-on-record*”:

A primeira razão para o uso de um registro bald-on-record pode ser formulada de maneira simples: em geral, quando quer que F[alante] queira fazer o ato de ameaça à face com máxima eficiência *mais do que* queira satisfazer a face do O[uvinte], em qualquer grau, ele vai escolher a estratégia bald-on-record. Existem, entretanto, diferentes tipos de usos de bald-on-record em diferentes circunstâncias, porque F pode ter diferentes motivos para fazer o ato de ameaça à face com a máxima eficiência. Eles se enquadram em duas classes: aqueles em que o dano à face não é minimizado, em que a face é ignorada ou desconhecida, e aqueles em que, fazendo o ato de ameaça à face de maneira bald-on-record, F minimiza ameaças implicitamente. Sentenças diretas imperativas se ressaltam como exemplos de uso bald-on-record [...]. (BROWN; LEVINSON, 1978, p. 94).

Os exemplos citados pelos autores, evidentemente, não são de estratégias de rudeza ou impolidez, mas de ordens diretas ou pedidos cujas circunstâncias impedem outras estratégias de mitigação do ataque à face, como pedidos de desculpa (“Me perdoe!”), avisos (“Me ajuda!”, “Cuidado!”, “Sai daí porque tem uma cobra!”) e coisas do tipo. Como sabemos, Brown e Levinson (1978) focam nas estratégias de polidez, e não na rudeza, mas não é completamente injustificado argumentar que um palavrão imperativo possa vir em contextos em que não se pretende atacar a face do interlocutor. Conforme pontuam Jay e Janschewitz (2008, p. 27),

Falar palavrões em proposições pode ser polido ou impolido ou potencialmente nenhum dos dois. É polido quando promove a harmonia social, como na construção da face (por exemplo, “Essa torta está gostosa pra caralho!”). É rude quando é usado deliberadamente para atacar alguém, como em atos de ameaça à face (por exemplo, “Você é imbecil pra caralho!”)<sup>11</sup>; rude quando usado de maneira intimidadora e agressiva ou para ganhar poder como na “rudeza estratégica” de Beebe (1995); e rude (ainda que não intencionalmente) quando ocorre como resultado entre uma disparidade entre falantes entre entender e aderir às regras de polidez, o que é, segundo Thomas (1983), uma “falha pragmática”. Falar palavrões também é rude quando é usado para publicamente desabafar emoções fortes como em uma “rudeza explosiva”, o que é decorrente da ideia de que é indelicado ser exageradamente emocional em qualquer circunstância (KASPER, 1990; BEEBE, 1995). Nós antecipamos que, apesar de as pessoas às vezes relatarem que se sentem melhores depois de desabafar as emoções em público, esse comportamento pode ser percebido mais como catártico do que como rude (JAY et al., 2006).

Os dados parecem sugerir que, entre os falantes que consideram os proferimentos retratados no Gráfico 3 “pouco” ou “nada ofensivos”, estão os que entendem que aquelas expressões são exposições catárticas de sentimentos e, assim, não

---

<sup>11</sup> As construções no original usavam “*fucking*”, que sabemos não ter a mesma distribuição morfossintática do que “pra caralho”, mas a tradução tentou captar o sentido e não a estrutura.

atribuem ofensividade a elas. Dados mais expressivos, porém, de expressões não julgadas ofensivas advêm de “pau”, “merda”, “porra”, “cacete”, “puta merda” e mesmo “puta que pariu” que, apesar de uma distribuição não tão semelhante quanto as anteriores, tem as respostas concentradas na escala entre 1 e 3, conforme demonstra a tabela abaixo:

**Tabela 1. Porcentagens de participantes que consideram o palavrão de não ofensivo a neutro**

<i>Palavrão</i>	<i>Consideram o palavrão entre ofensivo e neutro</i>
<b>merda</b>	94,1%
<b>porra</b>	84,2%
<b>caralho</b>	80%
<b>buceta</b>	69,5%
<b>pau</b>	89,9%
<b>Puta que pariu!</b>	70,9%
<b>Puta merda!</b>	85,4%

Exceto por “pau”, todas as palavras citadas anteriormente se apresentam em contextos linguísticos interjetivos, razão pela qual podemos entender que, de fato, o entendimento de Jay e Janschewitz (2008) de que a leitura dos palavrões passa pela leitura dos usos sociais e discursivos em que são utilizados parece se confirmar. O fato de serem palavras com referentes no mundo não faz delas mais ou menos ofensivas, porque parece que a leitura levada em conta pelos participantes foi a de contextos em que a ameaça à face estaria em jogo, e não contextos de denotação ou ostensão. Outra hipótese a ser investigada, trazida também por estes autores, diz respeito ao fato do uso de palavrões em proferimentos sem que eles tenham a intenção de ofender, sendo apenas tomadas no sentido referencial (por exemplo, “pisei numa merda de cachorro”): nestes contextos, haveria ameaça à face?

Pinker (2008) faz referência ao fato de que, para falarmos sobre determinados tabuísmos, notadamente os relacionados a sexo e às excreções corporais, temos três grupos de palavras: um cheio de termos da medicina, outro com termos que usamos para falar destes assuntos com crianças, e o terceiro composto por palavrões.

A magia das palavras simplesmente coloca mais um elo nessa cadeia de associações, e dá também às *palavras* para os eflúvios o poder de causar repulsa. [Mas] A repulsa aos eflúvios também pode ser controlada, é claro, como acontece no sexo, na medicina, na enfermagem e nos cuidados com animais e bebês. Como veremos, essa dessensibilização conta com a colaboração ocasional de eufemismos que amenizam a repugnância. (PINKER, 2008, p. 392-393).

Ora, parece válido, portanto, que não se considerem ofensivos usar os termos de que dispomos em determinados contextos sob a pena de, ainda, ameaçarmos a face de nossos interlocutores ao nos referirmos a determinado assunto usando palavras pertencentes ao léxico destinado a outro grupo, seja do qual deles estivermos falando.

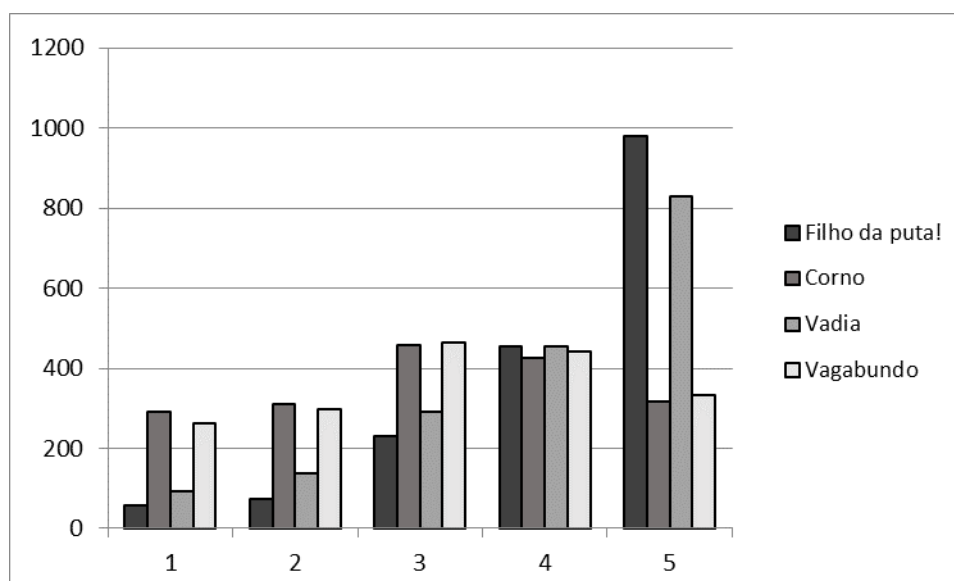
Que tipo de fala é apropriada em uma dada situação depende, em parte, do assunto da conversação. Considere tentar conversar sobre um assunto tabu, como sexo. As pessoas acham difícil discutir sexualidade (por exemplo, menstruação, masturbação, relações

sexuais) e a conversa sobre sexo é evitada porque é possível que ela gere alguma ansiedade. Gíria sexual é muito ofensiva e termos clínicos não são familiares e incapazes de capturar completamente o sentimento das pessoas sobre o sexo. (JAY; JANSCHWITZ, 2008, p. 272).

### 3. 1 Gênero, preservação da face e ofensividade

Outra consideração que não podemos deixar de lado se refere ao fato de algumas das expressões analisadas se referirem diretamente à sexualidade e aos diferentes papéis desempenhados socialmente pelos gêneros. Inclusive, nos palavrões listados na Tabela 1, acima, pudemos notar que a maior diferença de avaliação de ofensividade é exatamente na palavra que faz referência ao órgão sexual da mulher, enquanto os termos que fazem referência ao órgão sexual masculino são considerados ofensivos por menos pessoas. Infelizmente, por falhas metodológicas, nesta segunda etapa, o termo “viado” não estava presente. Porém, no Gráfico 4, abaixo, podemos, entre outras informações, ver a diferença de avaliação entre “vadia” e “vagabundo”.

**Gráfico 4. Concentração da avaliação de ofensividade das expressões com ofensas do campo da sexualidade**



Não podemos subestimar o peso social destas palavras e o conteúdo veiculado por elas na intenção de ofensividade. Apesar de “vadio” e “vagabundo” serem sinônimos, a marcação morfológica de gênero faz bastante diferença para que o grau de ofensividade dessas palavras seja diverso: “vagabundo” pode ou não ser uma ofensa, aparentemente, mas “vadia” sempre é; provavelmente pelo valor social envolvido. Semelhante é o caso de “filho da puta” que, apesar de ter uso interjetivo, é considerado ofensivo porque pode ser direcionado ostensivamente ao interlocutor (“você é um filho da puta!”), o que não acontece com “pau”, “cacete”, por exemplo, que não constroem expressões direcionadas à segunda pessoa (“você é um pau”; “você é um cacete!”).



Sobre o papel de gênero, sabemos que a sociedade utiliza largamente palavras relacionadas ao comportamento sexual da mulher como forma de diminuí-la, enquanto xingamentos relacionados à sexualidade do homem são, normalmente, os que o associam à homossexualidade ou a um comportamento passivo em relação ao seu desempenho afetivo ou sexual (“corno”, “corno manso”, “broxa”) (ZANELLO; ROMERO, 2014). Palavras que se referem a relações sexuais com grande quantidade de parceiros diferentes, quando usadas em relação a homens, normalmente possuem cunho positivo (“garanhão”, “pegador”) ou um cunho que pouco os denigre (“galinha”, “sem vergonha”), ao contrário do que podemos observar em relação às palavras dirigidas a mulheres. A respeito disso, Zanello e Romero (2014, p. 9) observam:

O termo “vagabundo” foi privilegiado na frequência de ambos os grupos como um dos piores insultos direcionados tanto a homens quanto a mulheres. Entretanto, quando dirigido a uma mulher, o termo assume a conotação sexual ativa; quando direcionado ao homem, ele assume a conotação de traços de posicionamento próprio, no sentido de produtividade [...]. Assim, o termo “vagabundo” é uma amálgama importante dos valores de gênero presentes não apenas nas nossas [sociedades], mas também nos seus usos (e que esse fato abre em relação às nossas vidas.).

Há, porém, outra abordagem a ser tomada nesse ponto. Não precisamos considerar que as palavras que ofendem determinados gêneros são construtos sociais, mas que os próprios papéis de gênero são mantenedores das diferenças expressadas por estas palavras. Conforme apontam Jay e Janschewitz (2008, p. 274),

Gênero desempenha um papel poderoso no ato de falar palavrões. A maioria das pessoas os fala mais em presença de ouvintes do mesmo gênero do que em audiências mistas. Nós temos muitos dados para mostrar esse efeito, assim como para demonstrar que essa tendência se desenvolve na infância e continua na vida adulta.

Especialmente sobre o comportamento linguístico relacionado ao papel social do gênero feminino, Labov (1966[2008]) nota que mulheres têm tendência a serem mais conservadoras, mais sensíveis ao que é considerado de prestígio e, sendo assim, podemos concluir que também são mais sensíveis em relação ao risco envolvido à sua face em cada situação comunicativa. Segundo este autor, “a diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, *uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para o outro*” (LABOV, 1966a, p. 348-349, grifos nossos). Ele acrescenta que, “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens” (LABOV, 2008, p. 288) e “são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio.” (LABOV, 2008, p. 281).

Chambers (2009) problematiza bastante a ideia de relacionar papéis de gênero a comportamentos sociais e linguísticos, pois isso parece tratar grupos sociais de uma maneira estereotipada, de maneira que se pode questionar até que ponto estes comportamentos linguísticos refletem um comportamento social ou consequência dele. Ele cita Deuchar (1988, p. 31 *apud* CHAMBERS, 2009, p. 144), para quem “o uso de uma fala padrão, com suas conotações de prestígio, parece adequado para a

preservação de face de um falante com relativamente menos poder sem atacar a face do ouvinte” e adiciona que isso deveria ser testado em relação a se, de fato, mulheres usariam formas de prestígio sempre que se dirigem a homens, ou se isso se mantém quando elas se dirigem a outras mulheres. Acreditamos que, como consideram Jay e Janschewitz (2006), em presença de pessoas do mesmo gênero, a tendência é que o monitoramento do uso de palavras – e, provavelmente, de outros tipos de fala não monitorada – também emergjam.

Por outro lado, poder-se-ia investigar, entre os participantes, a relação do gênero com a atribuição da ofensividade. Em experimentos feitos por Jay e Janschewitz (2006), estes autores demonstram uma correspondência interessante entre a atribuição da ofensividade e o papel de gênero desempenhado na sociedade:

De acordo com a nossa previsão de que mulheres dariam escalas de ofensividade mais altas do que os homens, uma interação significativa entre o gênero do participante e sua experiência com língua inglesa foi obtida ( $F(1, 117) = 4.135$ ,  $MSE = 22.09$ ,  $p=.04$ ). Testes posteriores mostraram uma relação entre a diferença de gênero de maneira geral nas pontuações de ofensividade para falantes nativos de inglês ( $t(66) = 1.96$ ,  $p=.05$ , não corrigida); taxas de ofensividade foram numericamente maiores para mulheres ( $M = 3.68$ ,  $SD = 0.88$ ) do que para homens. ( $M = 3.26$ ,  $SD = 0.86$ ). Não houve diferença de gênero na atribuição de ofensividade para falantes não nativos. ( $p = 0.5$ ) (JAY; JANSCHWITZ, 2008, p. 283).

Entre os nossos dados, podemos encontrar um padrão semelhante: as mulheres tendem a marcar as taxas de ofensividade como maiores para os termos, principalmente para as expressões designadas para ofender o sexo feminino, como podemos ver na tabela abaixo.

**Tabela 2. Porcentagens de participantes separados por gênero**

<i>HOMEM</i>	<i>Vagabundo</i>	<i>Vadia</i>	<i>Buceta</i>	<i>Pau</i>
<b>1</b>	20,03%	7,24%	35,05%	55,14%
<b>2</b>	21,39%	9,20%	19,34%	18,73%
<b>3</b>	27,11%	20,21%	22,05%	19,34%
<b>4</b>	21,39%	26,24%	12,08%	4,98%
<b>5</b>	10,09%	<b>37,10%</b>	<b>11,48%</b>	1,81%
<i>MULHER</i>	<i>Vagabundo</i>	<i>Vadia</i>	<i>Buceta</i>	<i>Pau</i>
<b>1</b>	11,32%	3,89%	29,09%	46,11%
<b>2</b>	13,79%	6,54%	13,70%	19,91%
<b>3</b>	25,02%	13,69%	22,90%	21,95%
<b>4</b>	26,44%	24,73%	16,45%	7,26%
<b>5</b>	23,43%	<b>51,15%</b>	<b>17,86%</b>	4,78%

Evidentemente, essa pequena amostra aqui pode não ser representativa de toda a análise que fizemos. Em trabalhos posteriores, estes dados serão ainda mais filtrados para verificar em quais deles não há desvio padrão, por exemplo, mas eles parecem confirmar uma tendência vista também em outras línguas.

## Considerações finais

Existem ainda muitas questões relacionadas à ofensividade que não foram abordadas neste trabalho, porém buscamos demonstrar como este traço de significado parece estar presente independentemente da intenção de ofender do interlocutor. Isso fica claro quando se analisam as palavras isoladas de contexto, pedindo ao falante que apenas leve em consideração a intuição que tem sobre o uso daquele termo. Com base nisso, fica evidente que o julgamento em relação à ofensividade está bastante relacionado ao papel social e ao tipo de significado que cada conceito carrega.

Por outro lado, está presente também uma avaliação de que gênero parece ser um fator determinante em relação à percepção dos conteúdos como ofensivos, em relação às estratégias de preservação de face e, para tanto, não precisamos falar de “homens” e “mulheres” como categorias biológicas, mas como categorias sociais. Não fizemos diferenciação no questionário, por exemplo, sobre se as pessoas marcaram seu papel social enquanto cis ou trans. A pergunta inicial era “você se identifica como”, justamente por entendermos que a construção social está mais relacionada aos dados linguísticos e às performances enunciativas do que qualquer outra informação biológica.

Por fim, esperamos ter alimentado o debate com dados do português brasileiro e afirmado o ponto de que falar um palavrão ou usar um xingamento (com a intenção de ofender) são coisas distintas, nem sempre relacionadas, e sequer estão relacionadas aos mesmos contextos ou atitudes proposicionais, e nem despertam as mesmas reações nos enunciadores e interlocutores. Ainda, a agressividade não parece ser gratuitamente atribuída a qualquer pessoa que profira palavrões; mas este é um experimento que ainda precisa ser feito.

## REFERÊNCIAS

- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University. 1987.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Edição revisada. Oxford: Blackwell, 2009.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos Metodológicos da Linguística*. v. IV. Campinas: UNICAMP, 1982.
- JAY, T.; JANSCHWITZ, K. The pragmatics of swearing. *Journal Of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 267-288, jan. 2008. Walter de Gruyter GmbH. Disponível em: <<https://www.mcla.edu/Assets/MCLA-Files/Academics/Undergraduate/Psychology/Pragmaticsofswearing.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PINKER, S. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZANELLO, V.; ROMERO, A. C. “Vagabundo” or “vagabunda”?: swearing and gender relations. *labrys, études féministes/ estudos feministas*, [s. l.], v. 22, p. 22, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/16320>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

**Recebido em:** 30/08/2017

**Aprovado em:** 29/05/2018